

---

## O TEMPO E O ESPAÇO NA OBRA "EURICO, O PRESBÍTERO", DE ALEXANDRE HERCULANO

Carla de Sales Oliveira<sup>1</sup>

Maria Elisalene Alves dos Santos<sup>2</sup>

Resumo - O presente artigo pretende discutir, através de pesquisa bibliográfica, acerca de dois elementos narratológicos, o tempo e o espaço, na obra "Eurico, o Presbítero", de Alexandre Herculano. O principal objetivo do estudo compreende focalizar a marca da indissociabilidade existente em ambos os elementos, utilizando a noção de cronotopia desenvolvida pelos estudos bakhtinianos. A fundamentação teórica embasa-se em autores da área de linguística e da crítica literária como Bakhtin (1994), Machado (1995), Moisés (1985), entre outros.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Cronotopia. Eurico, o Presbítero.

### 1 INTRODUÇÃO

Um dos critérios atribuídos à construção diegética refere-se à abrangência oferecida pelos conhecidos elementos: personagem, foco narrativo, ação, tempo, espaço, entre outros. Estes, além de servirem como alicerce para o teor discursivo na narrativa, possibilitam a ordenação natural dos fatos, podendo ser apresentados de forma linear ou não.

Dessa forma, destacamos neste trabalho dois elementos da narrativa, o tempo e o espaço, na obra *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano. Tais elementos serão submetidos a um dos estudos bakhtinianos desenvolvido pelo viés do cronotopo.

Inicialmente, discorreremos sobre o tempo e o espaço na literatura. Logo após, essa discussão será aplicada à obra *Eurico, o Presbítero*. Fundamentam teoricamente essa pesquisa Bakhtin (1994), Machado (1995), Moisés (1985, 1994), entre outros.

Por ser considerado um romance histórico, entendemos que a noção de cronotopia estabelece o elo suficiente para que *Eurico, o Presbítero* exerça o seu papel representativo, sobretudo por pertencer à estética romântica.

Nessa perspectiva, esperamos contribuir com os estudos já existentes em torno da obra em foco.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: elisalene2014@gmail.com.

## 2. O TEMPO E O ESPAÇO NA LITERATURA

### 2.1 Aspectos gerais

Em linhas gerais, a inserção do tempo e do espaço na literatura compreende um processo evolutivo acompanhado das mais diversas mudanças ocorridas ao longo das gerações. Dessa forma, o conúbio existente entre os referidos elementos narratológicos perpassa sob o crivo dos mais tradicionais estudos, incluindo a *Poética*, de Aristóteles.

Para Aristóteles (2000), o tempo parece não desempenhar tanta relevância para a vida humana. Visto que moldada à chamada “revolução solar”, a conhecida unidade das três regras perdura por apenas 12 ou 24 horas, tendo como gêneros receptores a tragédia e a epopeia. Nesta, o tempo apresenta-se de forma ilimitada, sendo que na tragédia ocorre uma mudança do ilimitado para o limitado. Quanto ao espaço, este sequer ganha notoriedade nos estudos aristotélicos, solidificando-se *a posteriori* com o surgimento de movimentos ligados ao discurso literário. Acerca da distribuição temporal na tragédia e na epopeia, Spina (1995, p. 149) discorre que: “[...] é quase impossível hoje sistematizarmos a doutrina ociosa construída à base de polêmica durante um século, e à qual renderam preito várias dezenas de teóricos franceses da primeira metade do séc.(sic) XVII.”

Concernente, ainda, aos elementos supracitados, vale salientarmos a existência deles nas narrativas bíblicas, se as considerarmos como receptáculos das primícias literárias, onde os feitos e os fatos heroicos comungam uma postura indissociável. À guisa de compreensão, este estudo toma como exemplo a jornada do povo israelita pelo deserto durante quarenta anos sob a liderança de Moisés. Nesse episódio, verificamos a presença espaço-temporal atuando como testemunha dos dissabores e das conquistas vivenciadas.

Além das óticas aristotélica e bíblica, o tempo percorre, ainda, pela chamada teoria dos gêneros, em que a fluidez substitui a “revolução solar”. Enquanto esta se torna responsável pela restrição temporal, aquela oferece ênfase para a eclosão da pluralidade do tempo. Todavia, tal pluralidade concede ao tempo, enquanto elemento da narrativa, uma diversificação no que tange à sua forma, sobretudo no romance, considerado gênero representativo da burguesia ascendente.

Bakhtin (1994), em sua obra *Estética da Criação Verbal*, detendo-se na classificação tipológica do romance, expõe a importância do tempo, sobretudo o histórico, para a jornada humana no chamado romance de formação, visto que para o referido teórico “[...] a evolução do homem é indissolúvel da evolução histórica. A formação do homem efetua-

se no tempo histórico real, necessário, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico.” (BAKHTIN, 1994, p.239).

A noção de cronotopia refere-se à indissociabilidade existente entre o tempo e o espaço, sendo inspirada nos estudos einstenianos e transferida para o campo linguístico literário. Considerando tal indissociabilidade como ferramenta, esta exerce relevante atuação, sobretudo no romance romântico em que o tempo e o espaço geralmente acompanham a construção narratológica sem apresentar uma quebra na dissociação, garantindo um enredo linear. De acordo com Todorov (1981, p. 129 apud Machado 1995, p. 251), o cronotopo acaba tornando-se um pilar dentro da narrativa romanesca em que “[...] mostra a organização do mundo através do tempo e do espaço, que são também as categorias fundamentais do imaginário”.

Vale destacarmos que Bakhtin, ao discorrer sobre a teoria do cronotopo, evidencia a preferência pelo chamado tempo histórico, aquele que está associado aos “[...] desígnios mais complexos dos homens, das gerações, das épocas, dos povos, dos grupos e classes sociais, das contradições sócio-econômicas [...]” como destaca Machado (1995, p.250).

Seguindo o mesmo percurso atribuído à evolução temporal, o espaço não ganha abrangência sem antes ultrapassar as barreiras concernentes ao seu teor funcional. A chegada da consciência moderna atrelada às mais diversas mudanças promove um efeito reacionário, confrontando com o espaço apresentado no Neoclassicismo, por exemplo, em que tal elemento surge como uma simples moldura, de forma estática, sem expor qualquer ideia de mobilidade, sobretudo concernente à parte poética.

Ao lado do tempo, o espaço torna-se elemento primordial na narrativa sendo, inclusive, analisado por Reuter (2002, p. 52 grifo do autor) como responsável por “[...] definir a fixação realista ou não realista da história”. Neste sentido, a importância independe da forma literária. Embora o conto apresente restrição tanto temporal quanto espacial, e o romance possibilite um alargamento de tais aspectos, o que percebemos é uma nítida indissociabilidade resultante da estrutura originária de cada gênero narrativo.

O romance, por exemplo, oriundo de um modelo que rompe com as regras clássicas, filiando-se à inovação e sendo caracterizado pela composição híbrida, consegue assimilar tanto o tempo como o espaço no sentido histórico de Bakhtin, possibilitando um passado com mobilidade, visto que na fase épica, o tempo, por exemplo, parece refletir um estado de repouso absoluto. Nesse contexto, Aragão (1985, p. 70) revela que:

Para os românticos a verdade e a beleza residiam na síntese dos contrários, daí a obra literária ser concebida em sua autonomia, passando a ser reconhecida e valorizada por suas inovações formais, híbridas ou desconhecidas, como, por exemplo, [...] o romance.

Diante de longas e profícuas pesquisas, notamos a visibilidade que o tempo e o espaço vêm ganhando, especificamente, no conto, na novela e no romance. Partindo desse princípio, analisaremos na seção seguinte a funcionalidade de tais elementos no romance romântico.

## **2.2 O tempo e o espaço no romance romântico**

Etimologicamente, o termo romance sofre diversas alterações, passando por *romanice*, referindo-se ao latim falado pelo povo, e, chegando à evolução francesa de *romanç*, *romant* e *roman*. *A posteriori*, o termo passou a designar as obras literárias, ganhando notoriedade no século XV com as histórias de cavalaria.

O seu itinerário associa-se ao período de grande efervescência ocorrido na Europa do século XVIII, sobretudo ao que tange à queda do Antigo Regime, ação comandada pela burguesia. Ganhando amadurecimento, o romance torna-se o gênero representativo da classe burguesa considerado por Schüler (2000, p. 5) um gênero que “[...] nasce como testemunha do declínio de um período, a Idade Média”.

Na assertiva supracitada, notamos uma expressiva exaltação na qual o romance ganha ares de superioridade por tornar-se um gênero dinâmico. Marcado pela substituição do herói carregado de vestígios fantásticos pelo herói problemático. Este exerce relevante atuação em defesa do homem burguês que se sobressai como um indivíduo dotado de características ligadas à eclosão de uma nova sociedade carregada por um novo ideário de vida, pautado no “[...] egocentrismo que sustenta a visão do mundo da arte romântica”, como afirma Vechi (1994, p. 20).

Outra alteração a ser observada concerne ao ajuste dos elementos tempo e espaço que, automaticamente, sofrem impacto quanto à sua funcionalidade. Se no Classicismo, o homem usufrui desses elementos de forma estática, no Romantismo ocorre uma espécie de dinamicidade decorrente de um novo olhar, associado à burguesia, o que provoca uma larga diferença entre o tempo clássico e o tempo romântico.

De acordo com Moisés (1985, p. 14), o tempo clássico associa-se “[...] à equação imutável, absoluta, identificada com a Eternidade [...]”. Notamos na presente assertiva a centralização do absoluto como peça imobilizadora das ações do homem vivente na época, diferentemente da mobilidade temporal romântica, onde há uma postura mais ampla realçada pela chegada do novo homem que busca através do bucolismo e do retrocesso ao

passado, o escapismo, característica marcante no Romantismo, o que pode parecer um paradoxo.

O homem romântico é também transitório. Assim, torna-se visível a sua ligação com a angústia que paira sobre os anseios, as vontades, as dúvidas, indo, por sua vez, buscar refúgio em um tempo remoto, no caso, a Idade Média, e na natureza que passa a exercer as funções de confidente e apaziguadora.

De forma geral, na esfera romântica, o tempo apresenta-se como cronológico, também chamado histórico, garantindo a linearidade dos fatos e a acomodação das personagens no enredo, podendo sofrer influência, ou não; enquanto o espaço, aliado ao tempo, harmoniza a sequência dos fatos. Considerados eixos embrionários da narrativa, ambos atuam como elementos basilares, tornando-se aspectos indissociáveis na conduta narratológica. Daí perceber a importância de ambos, principalmente, quando são expostos ao teor ficcional onde há a inserção humana com suas crises existenciais. Aliás, o homem romântico reflete, nitidamente, a existência de tais crises que sondam e ferem-lhe o âmago, tornando-o individualista, fruto da visão burguesa.

Como vemos, o tempo e o espaço no gênero romance são indispensáveis, pois agregam os sentimentos do indivíduo em ascensão e compartilham com a mesma busca, ou seja, o demasiado prestígio dos valores que sofreram desprezo no período clássico. Dessa forma, verificamos que o homem romântico ao passo que deseja novos horizontes, deixa-se ser levado pelos vestígios sentimentais que marcam presença no nacionalismo.

No Romantismo, a presença nacionalista torna-se outra característica relevante, visto que reflete a vontade do homem em ascensão ao lutar por sua Pátria. Como defensor de seu território, tal homem assume a função de herói. Enfaticamente sendo confundido com um ser mítico, o que não deixa de ter uma influência espaço-temporal.

Nesse contexto, diversas obras representam de forma substancial a postura do tempo e do espaço no que tange ao romance romântico, dentre elas *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, representante da prosa portuguesa. A referida obra compõe o elenco das mais importantes narrativas concernentes às primeiras levadas dos escritos românticos com resquícios atrelados a uma época de transição.

Como movimento dotado de novas propostas, o Romantismo adentra as páginas da literatura com a ideia de liberdade através da reclusão, sendo que esta atinge, inclusive, o tempo e o espaço, elementos que serão abordados, na seção seguinte.

### 2.3 O tempo e o espaço em *Eurico, o Presbítero*

Publicado em 1844, o romance *Eurico, o Presbítero*, consagra-se como uma das mais importantes obras no que refere à inauguração da prosa ficcional histórica da literatura portuguesa.

Pertencente à primeira geração do movimento romântico em Portugal, *Eurico, o Presbítero* agracia o século XIX com uma escrita arquitetônica ao mesmo tempo em que assume o pódio da difícil classificação quanto a sua postura no gênero narrativo. Fato, inclusive, aludido pelo próprio Alexandre Herculano nas chamadas *Notas do Autor* ao declarar que:

Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro; nem isso me aflige demasiado. Sem ambicionar para ele a qualificação de poema em prosa – que não o é por certo – também vejo, como todos hão de ver, que não é um romance histórico, ao menos conforme o criou o modelo e a desesperação de todos os romancistas, o imortal Scott. [...] Desde a primeira até a última página do meu pobre livro caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacilantes, outros, que não eu, o dirão. (HERCULANO, 2010, p. 130).

A ousadia titubeante de Alexandre Herculano representa a conturbação do espírito romântico onde o reino da dubiedade, através da mistura dos gêneros, torna-se ingrediente nítido nas primeiras manifestações literárias engendradas pelo Romantismo. Seguindo esse estado de busca por convicções nos diversos âmbitos, o tempo e o espaço ganham projeção por atuarem na estrutura romanesca de forma relevante, intensificando a postura do homem romântico que idealiza através da Idade Média e da natureza o ressurgir oscilante de um novo ideário concernente à estabilidade social, política, filosófica e artística.

Na narrativa herculana, o aspecto temporal surge em meio ao caráter da imaginação voltado de maneira a adotar um tempo “reencontrado” no medievalismo que reflete, embora em surdina, o resgate da nação portuguesa. O próprio herói da narrativa, Eurico, quando luta bravamente em defesa do seu território, transmite o espírito de autonomia visualizado no ideal coletivo. De acordo com Nunes (1988, p.14), “[...] o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações”. Ou seja, embora haja uma busca na restauração da história do país através dos fatos reais, a imaginação torna-se indispensável, quando o ato de reencontrar um tempo carregado de heroísmo marcante e contundente reafirma o desejo nacionalista, ainda que visualizado de forma utópica, representado, sobretudo, na personagem Eurico.

Ainda em relação ao tempo em *Eurico, o Presbítero*, parece ocorrer uma batalha entre o tempo da narração e o da própria narrativa. Enquanto esta apresenta um tempo

associado ao retrocesso para o século VIII, período em que ocorre a invasão dos árabes à Península Ibérica, aquela se refere ao século XIX com seus dissabores levando a nação portuguesa a um pessimismo caracterizado pela perda da autonomia em vários âmbitos. Dessa forma, não há como desligar os efeitos temporais verificados nas modalidades acentuadas, visto que a realidade perpassa pela sombra da representação.

Assim, no romance em estudo, o tempo exerce a postura interveniente ao comportar o presente a um passado com resquícios da Idade Média, permitindo a reavistagem da história de Portugal unido a outro elemento, o espaço, corroborando com a noção de cronotopia defendida por Bakhtin (1994).

De acordo com Gancho (1999, p. 23), o espaço “[...] só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história [...]”. Referindo-se ao respectivo pensamento, em *Eurico, o Presbítero*, a inserção espacial ocorre de forma abundante, incluindo cenários caracterizados como abertos e fechados, individuais e coletivos, geográficos e sociais, sendo que ganham destaque o presbitério, as margens do rio Crissus, o mosteiro da Virgem Dolorosa e a caverna de Covadonga. Cada espaço representa, simbolicamente, ideias vinculadas ao Romantismo, expostas pelos predicativos atribuídos a cada lugar, como explícita a comunhão perceptível frisada pelo narrador.

Carregado de um perfil aventureiro, o espaço em *Eurico, o Presbítero*, permite a mobilização das personagens, conectando-as ao longo dos acontecimentos. Essa característica permite que Eurico, Hermengarda, Pelágio, os árabes invasores, entre outros, transitem por diversos lugares, colocando o aspecto espacial na dimensão da essência romântica.

Nessa perspectiva, o teor histórico comunga com o teor literário, possibilitando uma construção visível relacionada ao tempo e ao espaço. A congruência existente em ambos os elementos ganha confirmação através do teor descritivo feito acerca do lugar onde Eurico passa a viver logo após ser rejeitado por Hermengarda, filha de Favila, duque de Cantábria, na visão do narrador, como podemos observar na seguinte assertiva:

O presbitério, situado no meio da povoação, era um edifício humilde [...]. Cantos enormes sem cimento alteiam-lhe os muros; cobre-lhe o âmbito um teto achatado, tecido de grossas traves de carvalho subpostas ao ténue colmo: o seu portal profundo e estreito pressagia de certo modo a misteriosa portada da Idade Média: as suas janelas, por onde a claridade, passando para o interior, se transforma em tristonho crepúsculo, são como um tipo indeciso e rude das frestas que, depois, alumiam os templos edificadas no décimo quarto século, através das quais, coada por vidros de mil cores, a luz ia bater melancólica nos alvos panos dos muros gigantes e estampar neles as sombras das colunas e arcos enredados das naves. (HERCULANO, 2010, p.12).

Baseando-se na descrição supracitada, a marca da indissociabilidade temporal e espacial permite que o próprio presbitério remeta ao medievalismo quando menciona, ainda que de forma sutil, a comparação entre o portal do referido recinto à porta da Idade Média, ao mesmo tempo em que aponta para uma aproximação com a vivência romântica percebida através das expressões conotativas, onde a escolha dos predicativos corrobora com a figura do homem romântico, ainda oscilante, atraído pela busca incessante de afirmação identitária.

Apresentado como um dos primeiros lugares expostos no romance, o presbitério, habitação religiosa, não influencia em nenhuma mudança radical na vida de Eurico, pois, segundo o narrador “[...] a nova existência de Eurico tinha modificado, porém não destruído o seu brilhante.” (HERCULANO, 2010, p. 13, grifo nosso). Isso ocorre porque apesar de se converter em presbítero, Eurico habita no presbitério não por vocação, mas em virtude do abandono amoroso causado por Hermengarda.

Apesar de Eurico se envolver em uma dupla atmosfera de personagem, enquanto herói, assumindo a posição de anjo e demônio diante da ousadia do Cavaleiro Negro, isso também não muda o seu caráter. Tal duplicidade refere-se à presença de Eurico nas batalhas junto às margens do rio Críssus quando apresenta essa dicotomia fazendo referência à busca pelo equilíbrio diante da transposição temporal. Assim, observamos uma forma representativa na figura do anjo e do demônio. Enquanto este aponta para um viver confuso, oriundo da era das descobertas, aquele anuncia a placidez característica do medievalismo, assumindo uma espécie de revelação que flui da alma.

A intimidade exposta pelo herói, através da ousadia, provoca nos demais cavaleiros o desejo exacerbado de saber a sua verdadeira identidade que perdurará ao longo do enredo. Acerca dessa duplicidade que se torna imagética, provocada pelo envoltório religioso diante das batalhas expostas, Gomes e Vechi (1992, p. 20) expõem a seguinte assertiva: “Se o romântico, de um lado, oferece a imagem de um ser fechado em seu universo, de outro, oferece também a imagem de um ser que se desdobra, assumindo as dores e as grandezas da coletividade”. De fato, Eurico representa um herói coletivo, pois através de sua atuação notamos a veemente defesa do território godo.

Em relação ao local onde ocorrem as batalhas entre os godos e os árabes, a descrição favorece a presença de características sentimentalizadas do rio Críssus, visto que segundo o narrador:

O Críssus murmurava lá embaixo, e a esteira da corrente faiscava, também, com o reverberar da luz dos astros, enquanto o vento, passando pelas ramas de algumas árvores solitárias, respondia ao seu murmurar com o gemer da folhagem movediça. (HERCULANO, 2010, p. 44).

O ato de murmurar exprime a sensação que flui do mais íntimo da alma, entimentalizando a natureza, expondo o estado de confiança pertinente ao Romantismo.

Assim como o presbitério, o mosteiro da Virgem Dolorosa revela, através de sua espacialidade, um lugar isento de qualquer impureza. Inclusive, o estado de candidez torna-se imprescindível às donzelas confinadas, pois para elas é preferível morrer a serem violadas. Fazendo referência à imaculação do mosteiro, o narrador descreve:

Os seus claustros pacíficos e saudosos, onde nunca soara o ruído tormentoso da vida, onde nunca as dolorosas realidades do mundo haviam penetrado, salvo nos sonhos passageiros e dourados de algum coração mais ardente, restrugiam com o bater das armas, com o amontoar das provisões, com o carpir dos que abandonavam os seus lares, com a violenta e brutal linguagem de soldadesca. (HERCULANO, 2010, p. 61, grifo nosso).

A presença do advérbio nunca nas primeiras linhas corresponde à ausência daquilo que pode ser considerado uma ameaça, apesar da expressão “[...] salvo nos sonhos passageiros e dourados de algum coração mais ardente [...]” insinuar uma quebra na figura do espaço imaculado, o mosteiro parece ser o lugar ideal onde o intocável permanece. Embora a figura do sagrado esteja intimamente ligada à ideia cristã, a exposição dos ideais românticos navega pelas ondas dubiosas da restauração do “eu” exposto aos ideais modernos.

Localizada nas montanhas das Astúrias, e chamada de “[...] o palácio do duque de Cantábria [...]” (HERCULANO, 2010, p. 78), a caverna de Covadonga, habitação de Pelágio, irmão de Hermengarda, apresenta rica simbologia. Em primeiro instante, notamos que a caverna assume um lugar que “[...] servia de paço ao jovem rei das montanhas e de templo ao Crucificado.” (HERCULANO, 2010, p. 74 grifo nosso). Ou seja, tida como lugar de refúgio e de reverência, a caverna transmite através de sua descrição a ideia de religiosidade fundida à ideia de lugar protegido, sobretudo pelas montanhas que se tornavam testemunhas diante das aflições vivenciadas por Pelágio e seus companheiros. Pode ser visualizada, também, a ideia de decisão, pois lá ocorre a interferência do Cavaleiro Negro ao decidir como será o resgate de Hermengarda.

Como observamos, o deslocamento espacial atinge as principais personagens, sobretudo Eurico, mostrando a dinamicidade do espaço, marca das primeiras manifestações literárias ligadas ao romance. É possível perceber ainda que, de maneira sutil, resquícios de características voltadas ao chamado romance de provas são visualizados na obra em estudo, pois segundo Bakhtin (1994, p. 225), nesse tipo de romance, sobretudo “na primeira variante - o romance grego -, são postas à prova a fidelidade no amor e a pureza ideal do herói e da heroína.”

Para cada espaço apresentado com suas descrições, o aspecto temporal torna-se visível através dos valores resgatados que surgem através do cavalheirismo, da permanência da honra, do espírito devotado aos laços cristãos, da pureza etc., que vinculam ao tempo histórico defendido por Bakhtin (1994). Assim, a ocorrência da indissociabilidade temporal e espacial em *Eurico, o Presbítero*, reúne diversas reminiscências cronotópicas que podem ser percebidas através de sacrifício, abandono, batalha, entre outros. A pluralidade cronotópica permite o desenvolvimento das ações na estrutura romanesca, pois segundo Machado (1995, p. 248), a ideia de cronotopo pode ser definida como sendo “[...] um conjunto de possibilidades concretas, desenvolvidas por vários gêneros, para exprimir a relação das pessoas com os eventos.”

Na obra em estudo é possível notarmos a interferência do cronotopo que mobiliza as ações, colocando as personagens em confronto com o tempo e o espaço. *Eurico e Hermengarda* revelam, através do caráter de suas personagens, o efeito de recriação que o tempo provoca no movimento romântico. O passado surge com vistas para o presente.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo desenvolvido constata o Romantismo como movimento que permite o retorno ao medievalismo que, unido ao espaço, sobretudo natural, compõe um cenário típico com suas proezas sobrenaturais repletas de idealização, permitindo o encaixe das personagens com suas características peculiares.

Através desse estudo pode ser observada a funcionalidade espaço-temporal que conduz com linearidade os fatos, levando a um desfecho digno do movimento romântico. Dessa forma, a indissociabilidade existente no tempo e no espaço permite ser visualizada através da noção cronotópica defendida por Bakhtin (1994).

*Eurico, o Presbítero*, como romance, sobretudo, histórico, possibilita uma pluralidade espacial onde o tempo torna-se um vínculo com o poder de recriação, inserindo as personagens no âmbito da cronotopia. Diversos eventos ocorridos no enredo são permitidos pelas expressões concretas capazes de reger a desenvoltura do enredo.

A bravura de *Eurico* associa-se à relação espaço-temporal que alude à integridade e ao denodo da personagem, assim como a sua própria morte que revela não apenas o desejo evasivo, mas a intrepidez nacionalista. O mesmo ocorre com *Hermengarda* que se torna um dos motivos para que a altivez de *Eurico* seja exposta de forma heroica.

***Time and Space on the work "Eurico, o presbítero", from Alexandre Herculano***

*Abstract - This paper wants to do a reference through a bibliographic research of two elements from the narrative - time and space - on the work Eurico, o Presbítero, from Alexandre Herculano. The main study objective understands the focus on the mark of inseparability existent between the two elements, using the chronotope ideias, developed by Bakhtin's studies. The theory used is from authors of the linguistic-literary area like Bakhtin (1994), Machado (1995), Moisés (1985, 1994), and others.*

*Keywords: Time. Space. Chronotope. Eurico, o Presbítero.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel (Org.). **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GANCHO, Cândida Vilhares. **Análise da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. **A Estética Romântica**. São Paulo: Atlas, 1992.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. São Paulo: DCL, 2010.

MACHADO, Irene A. **O Romance e a Voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago, Ed. São Paulo: FAPESP, 1995 (Série Diversos).

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. São Paulo: Ática, 2000.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Poética Clássica**. 2ª ed., ver. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VECHI, Carlos Alberto. Preliminares. In: MOISÉS, Massaud (Org.). **A Literatura Portuguesa em Perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1994.